

O embaixador e o superintendente: o Nordeste brasileiro nas representações do governo dos Estados Unidos (1961-1964)JOÃO GILBERTO NEVES SARAIVA*¹

“Senhoras e senhores, ele põe os olhos grandes sobre mim.”

(Tropicália, Caetano Veloso)

Durante a Segunda Guerra Mundial a América Latina gozou de atenção especial da política externa estadunidense. O apoio dos latino-americanos na luta contra o Eixo era considerado essencial para os Estados Unidos e para obtê-lo os responsáveis pela política externa pensaram em uma política de aproximação com a América Latina. Entre outros aspectos ela incluía uma maior abertura para a exportação latino-americana e um investimento maciço em propaganda (através do cinema, rádio, etc.) do *American way of life* (Tota, 2000: 55). Essa relação de proximidade, onde o Brasil era um dos maiores beneficiados, durou apenas até o final do conflito, no início da Guerra Fria parecia aos burocratas de Washington que a União Soviética focava suas ações no continente asiático e era então necessário deslocar para lá, além da Europa, os esforços norte-americanos (Pecequilo, 2005:217).

Entre o fim da Segunda Guerra e o começo da década de 1960 os Estados Unidos colocaram em prática uma estratégia para América Latina que ficou conhecida como Defesa Hemisférica. Ela consistia basicamente em transferir para os países latino-americanos de equipamento de guerra pesados, como navios, helicópteros e aviões para serem utilizados em caso de invasão do continente por países alinhados ao bloco comunista (Pereira, 2005:151). A atenção, especialmente econômica, destinada a Europa e o Japão somado a essa política para América Latina focada na transferência de tecnologia bélica proporcionou um contexto de desapontamento dos governos latino-americanos com o governo dos Estados Unidos. Ainda no governo do presidente Dwight Eisenhower (1953-1960), os funcionários do Departamento de Estado começaram a perceber o descontentamento dos latino-americanos com os Estados Unidos na América. Nos países latino-americanos desenvolveu-se um forte discurso anti-imperialista com ataques ferrenhos a política de Washington (Meihy, 1990:57). Em 1959 triunfaria uma revolução em um pequeno país latino-americano que os estadunidenses

¹ Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduado em História (Licenciatura) na mesma instituição.

interpretaram como o sinal de que a “ameaça vermelha” já havia aportado no continente: a Revolução Cubana.

A Revolução Cubana se constituiu como pedra fundamental para as transformações da política externa dos Estados Unidos para o continente. A associação do novo governo cubano com a União Soviética, bem como o desastre da tentativa de invasão da Baía dos Porcos em 1961 foram encarados como grande reverses da estratégia norte-americana para a América Latina. No contexto do mundo bipolarizado, parecia ao gabinete recém-empossado John F. Kennedy, em 1961, que era necessário realizar mudanças na estratégia de atuação do governo estadunidense para garantir que os países latino-americanos continuassem sob a sua influência (Leacock, 1990:VII-VIII). O Brasil foi o país que mais recebeu atenção, era considerado o mais importante país do bloco, e uma parte do seu território em especial recebe grande atenção dos diplomatas americanos: o Nordeste. Este trabalho procura identificar as representações que os funcionários do Departamento de Estado, órgão responsável pela política externa norte-americana, produziu na primeira metade da década de 1960 sobre o Nordeste brasileiro. Pretende investigar a partir de que concepções os diplomatas Washington pensavam a região e como funcionários do governo brasileiro, especialmente os ligados a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) atuaram para modificar essas representações.

Nesta pesquisa utilizaremos o conceito de representação se aproximando das reflexões de Roger Chartier (2002 e 2009). Pensamos a representação como resultado de uma produção, de uma prática. Um constructo que é pensado e lido a partir de concepções específicas, não se tratando de um produto neutro.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Dai, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. (CHARTIER, 2002:17)

As representações, incluindo as espaciais, carregam os interesses dos grupos que as produziram. Neste trabalho procuraremos nas representações espaciais do Nordeste brasileiro, investigar que visões de mundo as possibilitaram. Para tal, não podemos esquecer a posição dos seus produtores, no contexto dos governos dos Estados Unidos e do Brasil. As fontes da pesquisa foram produzidas por diplomatas e burocratas de alto escalão de ambos os países, figuras não só da esfera governamental, mas também do mundo acadêmico, formados

em algumas das mais respeitadas universidades do planeta.

A metodologia da pesquisa é a da análise dos discursos nos termos propostos por Pierre Bourdieu. Ele considera que os discursos como construções que carregam rastros do seu local de produção, condições e temporalidade nas quais se insere seu produtor (Bourdieu, 2008:129). Os discursos são vistos não apenas como objetos de comunicação, mas também como signos de riqueza a serem avaliados e signos de autoridade a serem acreditados (Bourdieu, 2008:53). Nas entrevistas, livros de memórias e despachos consulares, os discursos serão pensados a partir do seu capital simbólico, ou seja, do seu reconhecimento no mundo social que possibilita sua existência. (Bourdieu, 2008:60). Utilizaremos a análise do discurso como método para investigar as representações de um espaço, pretendemos acessar os rastros que o produtor veladamente ou não guarda em suas palavras.

Para trabalhar as representações construídas sobre o Nordeste brasileiro serão analisadas entrevistas de Lincoln Gordon, embaixador norte-americano no Brasil entre 1961 e 1966, economista professor de Harvard e um dos arquitetos da política externa norte-americana para o Nordeste – e de Celso Furtado – economista brasileiro, superintendente da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) entre 1959 e 1964 e um dos principais formuladores das políticas do governo brasileiro para a região. Do embaixador estadunidense serão utilizadas entrevistas em inglês dos acervos da John F. Kennedy Library e Lyndon Johnson Library realizadas respectivamente por: John E. Rielly em 30 de maio de 1964, e por Paige E. Mulhollan em 10 de julho de 1969. De Celso Furtado será utilizada a entrevista do livro “Seca e poder” (Furtado, 1998) e a concedida a Reali Júnior e publicada em 4 de abril de 2004 no jornal Estado de São Paulo. Além das entrevistas serão utilizados livros de memórias escritos pelos dois burocratas, como “A segunda chance do Brasil” (Gordon, 2002) e “A fantasia desfeita” (Furtado, 1989). Também serão utilizados despachos consulares do acervo de documentação do Departamento de Estado, órgão responsável pela política externa estadunidense. O acervo possui memorandos e telegramas produzidas em esferas estatais diversas como na Casa Branca, na Central de Inteligência Americana (CIA) e nas embaixadas e consulados dos Estados Unidos, além do Departamento de Estado².

2 Os documentos do acervo do Departamento de Estado utilizados foram trabalhos pelo autor no projeto de pesquisa “Catalogação de Documentos da História das Relações entre Estados Unidos e América Latina (1961-1963)” sob orientação do professor Dr. Henrique Alonso de Albuquerque Rodrigues Pereira da Universidade Federal do Rio Grande.

Pesquisando no sítio eletrônico do Departamento de Estado, a primeira referência que encontramos produzidas nas diversas esferas de corpos diplomáticos dos Estados Unidos relativo ao Nordeste brasileiro é em 1958. Em um telegrama de 17 de junho da embaixada no Brasil para o Departamento de Estado³, o então embaixador Ellis Briggs escreve que os jornais brasileiros estão noticiando sobre a seca no Nordeste. Destacamos esse telegrama não só por ser o primeiro onde o governo norte-americano trata do Nordeste brasileiro, mas também porque a referência a seca (*drought conditions*) será constante a partir de então quando se trata da região, especialmente entre 1961 e 1963, recorte temporal onde ela aparece mais vezes nos despachos consultados. Além disso, é pertinente observar o relato do embaixador de que ofereceu ajuda ao governo brasileiro para enviar alimentos às vítimas da seca, mas este negou afirmando que a seca é um fenômeno recorrente na região e que o governo brasileiro tem larga experiência em com esta situação. Analisando as entrevistas e demais fontes selecionadas para este trabalho vamos a partir de agora perceber que o Nordeste, até então representado como uma espacialidade que enfrenta uma seca e para onde os Estados Unidos poderiam oferecer alimentos para remedia-la, passará a ter representações diversas até a primeira metade da década de 1960.

Em 31 de outubro de 1960 a matéria de capa do respeitado *The New York Times* tratava do Nordeste brasileiro. O correspondente do jornal para América Latina, Tad Szulc, considerava a região como um lugar devastado pela seca, como colocava Briggs dois anos antes, só que acrescentava um novo fator, ela estaria à beira de uma revolução comunista. Como coloca Joseph Page:

[...] o público americano tomou conhecimento de que uma parte do Brasil estava a beira de uma violenta insurreição. Pelo menos assim parecia aos jornalistas políticos que faziam soar o alarme sobre a situação explosiva no vasto e superpovoado Nordeste brasileiro. Visitantes da região relatavam que milhões de camponeses, vivendo em infinita pobreza, vinham demonstrando evidentes sinais de descontentamento, e que agitadores – políticos, estudantes e os inevitáveis comunistas – eficazmente atiçavam as chamas. (PAGE, 1972:11)

O pesquisador americano Joseph Page, que também frequentou a região Nordeste no recorte temporal desta pesquisa, destaca a matéria do *The New York Times*, como o texto que

³Todas as referências a despachos consulares citadas nesse trabalho estão disponíveis no sítio eletrônico do Departamento de Estado norte-americano em inglês. Ver o endereço em U.S. DEPARTMENT OF STATE, 1996.

introduziu a concepção de Nordeste como o lugar da pobreza e dos agitadores políticos ligados ao comunismo. O embaixador norte-americano no Brasil a partir de 1961, Lincoln Gordon também destaca as reportagens do New York Times de 1960 como um marco no surgimento do Nordeste brasileiro para o a maior parte dos estadunidenses:

Então havia agora uma conscientização sobre a situação do Nordeste que antes de 1959 não existia. Eu confesso que comecei a ler sobre o Brasil na metade da década de 1950 e o problema do Nordeste nunca tinha passado por minha cabeça e eu tenho certeza que grande parte do público norte-americano nunca tinha ouvido falar do Nordeste brasileiro antes dos artigos do The New York Times em 1960. Eles sensibilizaram as pessoas. (GORDON, 1964:38)⁴

A referência a 1959 enquanto marco temporal destaca a importância da Revolução Cubana na mudança de estratégia para América Latina. No contexto da Guerra Fria, combater o comunismo se torna uma demanda essencial para os Estados Unidos, e a Revolução Cubana coloca a América Latina no tabuleiro de xadrez global onde os norte-americanos enfrentam os soviéticos. Nas palavras do embaixador Lincoln Gordon (1969: 12): “Afim, era aquela situação, eu era embaixador no maior dos países latino-americanos que estava em uma situação turbulenta e com várias potencialidades explosivas”⁵. O Nordeste então passará a ser representado não apenas como o lugar da seca, mas como o lugar turbulento, a região de potencialidade explosiva, a região seca onde a ameaça comunista cresce. Como destaca o assistente especial do presidente Kennedy, Richard N. Goodwin, em um memorando de abril de 1961:

É importante lembrar que mesmo que retiremos Castro do poder nós não teremos resolvido o problema da influência comunista nas Américas. De fato, muitos dos pontos mais perigosos (Nordeste brasileiro, interior da Colômbia, movimentos estudantis dominados por comunistas, etc.), não estão ligados a Castro, mas são movimentos locais e com lideranças independentes. O perigo continua crescendo, e continuará crescendo se nossa única ação anti-comunista for derrubar Castro. (U.S. DEPARTMENT OF STATE, 1996).⁶

⁴ Todos as citações de entrevistas e despachos consulares em inglês foram traduzidos pelo autor, o original em inglês estará na nota de rodapé. “So that there was a kind of awareness of the Northeast which before 1959 did not exist at all. I must confess that before I began reading about Brazil in the mid-50’s, the existence of a special Northeast Brazil problem hadn’t crossed my own consciousness, and I am sure that most of the American public had never heard of the Brazilian Northeast until these New York Times articles appeared in 1960. But this had sensitized the people.”

⁵ “After all, there I was, ambassador in the largest of the Latin American countries, and one which was in a pretty turbulent state, with various explosive potentialities.”

⁶ “It is important to remember that even if Castro were wiped out tomorrow we would not have solved the problem of communist influence in the Americas. In fact, most of the greatest danger spots (e.g. Northeast

Se antes apenas a pobreza (*poverty*) e as secas (*droughts*) demarcavam as representações da região, agora adjetivos como: comunista (*communist*), perigoso (*danger*) passarão a ser utilizados para construir representações do Nordeste brasileiro vinculado a uma iminente revolução nos moldes da realizada em Cuba. As Ligas Camponesas também farão parte dessas representações como mais um dos novos aspectos que caracterizavam o Nordeste comunista e da pobreza. Nas palavras do embaixador Lincoln Gordon:

Nós conversamos sobre essa área com tradição de secas, grande pobreza se comparada ao resto do país, o crescimento das ligas camponesas, Recife, chamada de capital comunista do Brasil, etc. A impressão era de que havia uma área com 20 milhões de pessoas em uma situação explosiva nos aspectos político, econômico e social. (GORDON, 1964:37)⁷

Tanto nas entrevistas de Lincoln Gordon como nos despachos consulares de época o Brasil é destacado como o maior país da América Latina, e, portanto, as políticas norte-americanas devem atuar sobre ele para garantir que os demais países latino-americanos permaneçam alinhados aos Estados Unidos. Dentro do Brasil é feito um recorte discursivo que constrói que um espaço em especial onde devem ser centradas as ações estadunidenses. É válido ressaltar que esse do Nordeste ao comunismo, a partir de então recorrente nas representações norte-americanas, não era um consenso fora dos Estados Unidos. Celso Furtado afirma:

A verdade é que a síndrome de Cuba impedia os americanos de ver a realidade. Era natural que os jornalistas carregassem as tintas e apresentassem à opinião pública norte-americana Julião como um novo Fidel Castro. Mas quem tomava contato com a realidade logo percebia que o movimento camponês do Nordeste era um proto-sindicalismo de reivindicações sobremodo modestas. (FURTADO, 1989:130)

Para o intelectual brasileiro certamente a conexão de Fidel, líder da Revolução Cubana, e Julião, líder das Ligas Camponesas, não faria sentido, mas em tempos de Guerra Fria não apenas para a imprensa, mas também para os funcionários do governo dos Estados Unidos, eles estavam ligados a “ameaça comunista” que aportara na América Latina.

O professor universitário e funcionário do Departamento de Estado, Walt

Brazil, Colombia back-country, communist dominated student movements, etc.) do not owe either their existence or strength to Castro, but to local and independent leadership. This danger has been steadily growing, and would continue to grow if our only anti-communist move were to knock out Castro.”

⁷ “They talked about this area with its tradition of droughts, great poverty compared with the rest of the country, the development of peasant leagues, Recife as the so-called communist capital of Brazil, etc. The broad impression was an area with twenty odd million people in it with explosive political and economic and social conditions”

Whiltman Rostow, formulou um arcabouço teórico que pensa as sociedades em estágios, indo da mais primitiva até uma mais evoluída (não por acaso como a norte-americana). Teorias como essas foram amplamente utilizadas nas décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos (Pereira, 2005:57) e através desse tipo de raciocínio. Os norte-americanos passaram a identificar a pobreza como uma das causas da Revolução Cubana na medida em que a miséria seria o lugar ideal para o surgimento de ideias contrárias a democracia e o capitalismo. Segundo dados da Comissão Econômica para América Latina das Nações Unidas (Cepal), o Nordeste brasileiro era o lugar do continente onde se tinha a menor renda per capita (Pereira, 2005:299). Seguindo essa lógica podemos entender porque o presidente Kennedy considerava que: “Não há área nesse hemisfério que necessite de uma atenção maior ou mais urgente do que o vasto Nordeste brasileiro”⁸. Nesse contexto surge a Aliança para o Progresso, o principal programa da política externa norte-americana para América Latina na década de 1960. Ele se constituiu como um programa de ajuda econômica e técnica para os países latino-americanos pensando aos moldes do Plano Marshall.

Até agora avançamos esforços norte-americanos em relação ao Nordeste, se faz necessário tratar também das ações do governo brasileiro para a região. Celso Furtado afirma:

Naquela época, houve uma tomada de consciência do país, através do governo federal, de que o problema do Nordeste era sério. Fazia muito tempo que o Nordeste andava para trás. Pude provar, com as estatísticas, que a participação do Nordeste na renda nacional diminuía; no setor industrial diminuía mais ainda, e o desemprego era crescente. (FURTADO, 1998:57)

O economista brasileiro trata do Nordeste enquanto uma região consolidada, um espaço que estava sendo deixado para trás no processo de integração nacional comandado pelo Centro-Sul. O Nordeste de Furtado se aproxima do que trata o pesquisado Durval Albuquerque Júnior (2009). Ele destaca que desde o século XIX, no contexto brasileiro, o Nordeste será uma região inventada utilizando entre outros argumentos a seca como definidora do espaço. Voltando ao final da década de 1950, podemos perceber que o contexto de sensibilização nacional com a seca teve ampla divulgação na imprensa nacional e repercutiu, como vimos anteriormente no despacho do embaixador Briggs de 1958, no

⁸ KENNEDY, John. Statement by the presidente concerning a plan for the development of Northeast Brazil. 14 jul. 1961. Disponível em: http://quod.lib.umich.edu/p/ppotpus/4730886.1961.001/566?amt2=120;amt3=40;rgn=full+text;view=image;q1=northeast;op2=near;q2=brazil* Acesso 12 jan 2013.

interesse dos Estados Unidos pela questão. O governo federal, na figura do então presidente Juscelino Kubitschek, decide intervir para modificar essa situação:

Houve a seca de 1958. Por causa dela, Juscelino me chamou, pois precisava fazer alguma coisa. Eu era diretor do BNDE [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico] naquele momento. Então, disseram ao presidente que havia uma pessoa que entendia daquilo tudo e de planejamento. Essa era a minha área, na qual me especializei nas Nações Unidas. Disseram-lhe que eu poderia fazer um plano para o Nordeste. (FURTADO, 1998:61)

Furtado identifica a seca de 1958 como o motivo pelo qual o presidente teria o convocado para criar uma nova estratégia para o Nordeste brasileiro, mas podemos elencar outros. Conforme a visão do futuro embaixador estadunidense no Brasil: “ao lado de muitos êxitos dramáticos no campo do desenvolvimento, o governo de Juscelino Kubitschek teve algumas debilidades significativas. Uma delas foi a exacerbação das diferenças regionais” (Gordon, 2002: 79). Na entrevista de 1998, quando perguntado sobre o aspecto político da criação da SUDENE, Celso afirma: “Juscelino me apoiou. Mas para Juscelino, um assunto desses não era prioritário. A seu ver era um projeto do Nordeste, como outro qualquer” (Furtado, 1998:66-7). Em 1959, mandato de Juscelino já estava em sua fase final e conforme as leis da época ele não poderia tentar uma reeleição. Podemos considerar o interesse por trabalhar o Nordeste das secas como um investimento político do presidente para as próximas eleições que ele poderia disputar como candidato a presidente. Por causa do Golpe civil-militar de 1964, essa eleição não chegou a ser realizada.

Ainda em 1959 foi criada a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), tendo como primeiro superintendente Celso Furtado. A SUDENE se constituiu como um das mais significativas ações do governo brasileiro para lidar com os problemas do Nordeste, identificados por um conjunto de técnicos e estudiosos brasileiros. Suas ações eram planejadas em torno da concepção do desenvolvimento, se aproximando das ideias da Cepal (Comissão Econômica para a América Latina). Entre os planos da SUDENE - parte engavetados, parte realizados - se encontravam ações relativas a eletrificação, transporte, aproveitamento dos recursos hídricos, reestruturação da economia rural, melhoria das condições de abastecimento, levantamento e prospecção mineralógicas, levantamento cartográfico e educação.

Para realização dos projetos a SUDENE contou com apoio estrangeiro como o do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), “o Nordeste atraía muito, porque era uma

região tão grande, demograficamente tão significativa, que quando dizíamos sua situação social, conseguíamos muita coisa” (Furtado, 1998:73). Como Celso Furtado coloca, a SUDENE recebeu grande atenção internacional, especialmente por parte dos Estados Unidos. Diversas visitas de políticos, técnicos e diplomatas ligados ao governo de John F. Kennedy vieram conhecer o Nordeste brasileiro:

No interior do governo dos EUA havia um movimento de apoio às forças progressistas do Nordeste. Como funcionário do governo brasileiro, cheguei a ser recebido pelo presidente Kennedy em Washington. Isso revela o grau de interesse pelo trabalho que fazia a SUDENE. (FURTADO, 2004:9)

A visita de Celso Furtado a John Kennedy ocorreu em 14 de julho de 1961, e no memorando do Departamento de Estado sobre os assuntos debatidos com o superintendente encontramos o presidente Kennedy fazendo perguntas sobre a região e Celso Furtado trabalhando de forma didática os problemas identificados pela SUDENE no Nordeste e como eles deveriam ser resolvidos. Relacionando o relatório norte-americano aos livros de memórias e as entrevistas podemos nos aprofundar em relação à atuação de Celso Furtado para tornar o interesse - e as verbas - da Aliança para o Progresso consonante com os da SUDENE, modificando assim as representações norte-americanas sobre a região Nordeste. Tratando das visitas da burocracia estadunidense a região, ele afirma:

Os auxiliares de Kennedy mereceram o melhor da minha atenção [...] Deram-se conta de que o quadro nordestino era grave, mas também de que os problemas estavam sendo enfrentados com realismo e, principalmente, de que a SUDENE contava na região com ampla credibilidade. (FURTADO, 1989:109)

O então superintendente nos encontros com a burocracia norte-americana destaca o papel da instituição brasileira como capacitada para resolver os problemas do Nordeste brasileiro, tanto por saber aborda-lo, como também, por ter respaldo em escala regional e nacional. Nos despachos consulares entre 1961 e 1963 podemos perceber que diversas vezes quando o corpo diplomático norte-americano trata das mudanças de médio e longo prazo, recortes preconizados também pela SUDENE, eles vão tocar em projetos para áreas que o órgão brasileiro trabalhava. Em um memorando de fevereiro de 1962 da Agência Internacional para o Desenvolvimento para o presidente Kennedy encontramos: “O foco será

na irrigação, estradas, energia elétrica, educação primária, suprimento de água e agricultura” (U.S. Department of State, 1996)⁹.

Além de tocar nos aspectos relativos ao órgão em que atuava, Celso Furtado nas diversas ocasiões que tratou com os funcionários do governo americano falou da imagem dos Estados Unidos no Nordeste brasileiro, em uma visita de funcionários do governo estadunidense ao Nordeste em janeiro de 1961:

Disse-lhes com franqueza que a imagem dos Estados Unidos era a pior possível, mas que isso poderia mudar se o novo presidente retomasse a saga de Roosevelt, com sua política de boa vizinhança. Eles logo perceberam que o Nordeste poderia ser o caso exemplar para por em prática a Aliança para o Progresso. (FURTADO, 1989:109)

Celso Furtado toca habilmente em um ponto fundamental para a burocracia do governo de John F. Kennedy. No final da década de 1950, período imediatamente anterior à eleição de Kennedy, os Estados Unidos passam a perceber que a boa imagem que o país tinha na América Latina durante a Segunda Guerra e no imediato pós-guerra não existia mais. Em 1958, a visita oficial do então vice-presidente Nixon a América do Sul enfrentou protestos em diversos países. Na Venezuela, estudantes bloquearam os carros da comitiva norte-americana para ataca-lo com cuspes em um episódio inédito na história norte-americana. No ano seguinte Fidel e seus companheiros derrubam o governo de Fulgêncio Bastista, instituindo um governo revolucionário em Cuba. (Schoultz, 2000:245). A leitura dos burocratas de Kennedy desses acontecimentos é que para evitar revoluções como a cubana, a opinião pública latino-americana em relação aos Estados Unidos precisa ser modificada, especialmente a do Nordeste representado pela seca, pela pobreza e pela “ameaça comunista”.

No início do artigo destacamos o recorte temporal entre 1961 e 1963 como o período onde o Nordeste brasileiro vai aparecer com frequência nos despachos consulares. Celso Furtado identifica que a partir de 1963 houve uma mudança de direcionamento da política norte-americana para o Nordeste:

Com a morte de Kennedy houve uma mudança qualitativa. Seu sucessor, Lyndon Johnson, representou uma mudança profunda. Basta ver a escalada no Vietnã durante sua gestão. No Brasil, os aliados de Kennedy éramos nós. Havia um outro lado, bem mais próximo de Carlos Lacerda. (FURTADO, 2004:9)

⁹ “The accent will be on irrigation, roads, power, primary education, community water supply and agriculture.”

Assim como Pereira (2005:261 e seguintes), Celso Furtado destaca o assassinato de Kennedy como um marco nas políticas para a região porque seu vice-presidente Lyndon Johnson tinha concepções diversas das do governo Kennedy de como deveria funcionar a Aliança pra o Progresso. A nova administração de Washington não mais se vincularia a SUDENE e a ele, seu superintendente, mas sim a um personagem de um grupo político oposto, Carlos Lacerda, um dos apoiadores do Golpe civil-militar em 1964. Tratando na entrevista de um dos seus primeiros encontros com Johnson depois dele assumir a presidência, o Lincoln Gordon afirma:

Ele [o presidente Lyndon Johnson] me disse: “Como estão as coisas no Brasil?” E eu respondi. Ai ele disse: “O que você realmente pensa da Aliança para o Progresso? Você pensa que o programa está funcionando bem ou não?” Eu comentei alguma coisa sobre minha atuação no começo do programa e sobre algumas coisas que tinham funcionado bem e outras não. Eu falei que havia muita confusão em alguns aspectos e que havia problemas no relacionamento entre reforma interna e ajuda e que infelizmente a Aliança estava se tornando apenas mais um programa norte-americano de ajuda e várias outras coisas desse tipo. (GORDON, 1969:25)¹⁰

O embaixador norte-americano coloca o posicionamento de que o programa tem problemas com a reforma interna e a ajuda externa e que infelizmente a Aliança para o Progresso, pensada para transformar as relações com a América Latina, representa agora apenas mais um programa de ajuda norte-americano. Certamente a mudança de presidente modificou os direcionamentos da política externa norte-americana em relação à América Latina, mas é pertinente notar que antes mesmo da morte de Kennedy, o embaixador Lincoln Gordon já sugeria mudanças dentro da estratégia norte-americana para o Brasil, em um memorando de agosto de 1963:

Nessas circunstâncias, nosso objetivo deveria ser ajudar a frustrar a tendências autoritárias [de Goulart] e sustentar perspectivas de uma eleição autêntica em 1965, mantendo a imagem mais favorável possível dos Estados Unidos e das relações brasileiro-americanas, [...] Os recentes atrasos com relação à Companhia Hidrelétrica do Vale do Paraíba (Chevap) e aos geradores de Fortaleza são típicos de serio fracasso da deficiente avaliação por Washington da natureza das circunstâncias

¹⁰ “He [the President Lyndon Johnson] said to me, ‘How are things going in Brazil?’ So I answered. [He said,] “What do you really think about the Alliance for Progress? Do you think it's worked out well or not?” I told him something about my connection with the early part of it and some things that I thought had worked well and others that hadn't. I said that there had been a lot of confusion about some aspects, the problem of the relationship between domestic reform and aid, how, unfortunately, the Alliance had come really to symbolize just an American aid program instead of a common effort, and various things of this kind.”

políticas brasileiras e da urgência da adoção de movimentos rápidos e afirmativos, sempre que precisemos movimentar-nos. (GORDON, 2002:104-5)

Existe extensa bibliografia sobre a participação ou não do governo norte-americano no Golpe civil-militar de 1964¹¹, mas tratando das representações do Nordeste brasileiro o ponto que nos chama atenção é o desaparecimento do Nordeste brasileiro dos despachos consulares que circularam entre as diversas esferas da burocracia norte-americana. Após os militares assumirem o poder não encontramos mais o Nordeste da seca, nem o infestado pelo “inimigo vermelho” ou o em desenvolvimento com a ajuda norte-americana. O governo militar que assumiu o poder foi rapidamente reconhecido pelos Estados Unidos, perseguiu as Ligas Camponesas e cassou mandatos e retirou os direitos políticos daqueles que os funcionários de Washington consideravam eminentes comunistas. Tratando das discussões sobre a avaliação do fracasso ou sucesso da Aliança para o Progresso, extinta oficialmente em 1973 pela Organização dos Estados Americanos, Henrique Alonso Pereira (2005:19) destaca que o programa “falhou em alcançar sua meta de construir sociedades democráticas, prósperas e socialmente justas. Durante a década de 1960, várias mudanças extra constitucionais de governo, muitas vezes resultantes de golpes de estado, abalaram a América Latina”. Podemos então relacionar o desaparecimento do Nordeste brasileiro, até antes do golpe um dos temas centrais da agenda norte-americana para a América Latina, com o único ponto onde a Aliança para o Progresso foi reconhecidamente bem sucedida: garantir o alinhamento dos países latino-americanos, não permitir que se espalhasse o que os Estados Unidos consideravam a “ameaça vermelha”. O sucesso da Aliança nesse único aspecto retirou um dos sustentáculos das representações norte-americanas do Nordeste brasileiro e propiciou seu desaparecimento.

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4. ed. São Paulo/ Recife: Cortez/ Massangana, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 2008.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Algés: Difel. 2002.

¹¹ Sobre o tema ver Skidmore (2010) e Green (2009).

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FURTADO, Celso. *A fantasia organizada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *A fantasia desfeita*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *Seca e poder: entrevista com Celso Furtado*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1998. Entrevistado por M. C. Tavares; M Andrade e R. Pereira

_____. Nordeste foi 'o mais prejudicado' em 64, diz Furtado. *Estado de São Paulo*, 4 abr. 2004. Entrevistado por Reali Júnior.

GREEN, James N. and JONES, Abigail. Reinventando a história: Lincoln Gordon e as suas múltiplas versões de 1964. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2009, vol.29, n.57, p. 67-89. ISSN 1806-9347.

GORDON, Lincoln. *A Segunda chance do Brasil: a caminho do primeiro mundo*. São Paulo: SENAC, 2002.

_____. *O progresso pela aliança*. Rio de Janeiro: Record, 1974.

_____. Recorded interview. John F. Kennedy Library Oral History Program. 30 mai. 1964. Entrevistado por John E. Rielly. Disponível em <http://www.jfklibrary.org/Asset-Viewer/Archives/JFKOH-LIG-01.aspx> Acesso em: 1 out. 2012.

_____. Recorded interview. Lyndon Baines Johnson Library Oral History Program. 31 jul. 1969. Entrevistado por Paige E. Mulhollan. Disponível em <http://www.lbjlibrary.net/collections/oral-histories/gordon-lincoln.html> Acesso em: 1 out. 2012.

LEACOCK, Ruth. *Requiem for Revolution: The United States and Brazil, 1961-1969*. Kent, Ohio: The Kent State University Press, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990.

PAGE, Joseph A. *A revolução que nunca houve: o Nordeste do Brasil (1955-1964)*. Rio de Janeiro: Record, 1972.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003.

PEREIRA, Henrique Alonso de A. R. *Criar ilhas de sanidade: os Estados Unidos e a aliança para o progresso no Brasil*. São Paulo: PUC, 2005. (Doutorado)

SCHOULTZ, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão*. Sagrado Coração: EDUSC, 2000.

SKDIMORE, Thomas E. *Brasil de Getúlio a Castelo (1930-1964)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TOTA, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

U.S. DEPARTMENT OF STATE. *Foreign Relations of the United States*. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1996. Disponível em <<http://history.state.gov/historicaldocuments/>> 23 jan. 2013.